

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CAMILA AP. SOARES SAMPAIO

O IMPORTANTE PAPEL DO PROFESSOR E DA
FAMÍLIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DA
CRIANÇA

CAMPINAS

2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CAMILA AP. SOARES SAMPAIO

O IMPORTANTE PAPEL DO PROFESSOR E DA
FAMÍLIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DA
CRIANÇA

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia-Programa Especial de Formação de Professores em Exercícios nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade Educação da Universidade Estadual de Campinas, com um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2008

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Sampaio, Camila Aparecida Soares.

Sa947i O importante papel do professor e da família no processo de alfabetização da criança : memorial de formação / Camila Aparecida Soares Sampaio. – Campinas, SP :[s.n.], 2008.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida. 4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

08-488-BFE

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus a sua infinita grandeza e bondade que me presenteia com o Dom precioso da vida,
Aos meus que tanto me incentivaram para que fosse o que sou hoje tanto como pessoa como profissional,
A minha irmã que teve muita paciência comigo quando pedia para que lesse e corrigisse o meu trabalho.

SUMÁRIO

Apresentação.....	1
1.Formação Primária.....	2
2.Formação Ginásial.....	6
3.A Formação em Habilitação no Magistério.....	8
4.Formação Superior.....	11
5.A Minha Formação Profissional.....	13
6.Considerações Finais.....	23
Referências Bibliográficas.....	24

APRESENTAÇÃO

Este memorial vem comentar o processo de alfabetização no modelo Tradicional e na concepção Construtivista.

No primeiro o professor era o centro de todo o processo da alfabetização, ele era o detentor e transmissor do conhecimento, o aluno era meramente um receptor. A afetividade não era tão presente. Não havia uma alfabetização onde os alunos pudessem enxergar a escrita como uso de transformação dentro da nossa sociedade.

Já na concepção Construtivista a escola é um local onde se desenvolve nos alunos uma aprendizagem consciente, atuante, transformadora e participativa e isso ocorre de uma maneira afetiva.

Nesse memorial também relatarei o importante papel de dois personagens no processo de alfabetização da criança: os pais e a família.

A criança necessita da participação dos pais na sua vida escolar, pois sem eles, ela não terá estímulo. O aluno precisa de uma referência, e a sua referência são aqueles com quem mais convive que são os seus pais. O professor e a escola precisam ter o mesmo diálogo, se as duas não caminharem juntas o trabalho com a criança pode ser comprometido.

O professor proporcionará reflexões, promovendo nos alunos a compreensão de que são capazes de se expressar, questionar e participar do processo histórico de sua vida e da sociedade.

1. A Formação Primária.

Escrevi esse texto contando as minhas experiências , dialogando, relatando o que penso. Usei como base conhecimentos que foram adquiridos através das discussões em sala de aula, dos relatos vividos por colegas e pelas minhas experiências vividas em sala de aula (teoria x prática) que me proporcionaram uma gama de conhecimento.

Iniciei minha formação primária em Piracicaba. Meus pais se conheceram numa cidade muito pequena no estado do Paraná e lá se casaram, minha mãe na época tinha 16 anos e meu pai 21 anos, nasci quando minha mãe estava com 17 anos. Com as dificuldades, principalmente porque eram muitos jovens, vieram para Piracicaba tentar uma vida melhor.

Os meus avós mesmo com algumas dificuldades priorizavam o estudo. Ouvindo relatos de meus pais com a finalidade de analisar a escola de ontem e de hoje, percebi que não houve muitas mudanças.

Meu pai conta que para chegar à escola tinha que caminhar cinco quilômetros, não havia merenda escolar, os alunos levavam reguada na cabeça, ainda ele conta que certa vez ficou de castigo, ajoelhado no banheiro porque tinha aprontado, mas apesar disso os alunos principalmente meu pai gostavam muito da professora como se fosse sua mãe.

Os únicos materiais usados eram giz, lousa, cartilha. Meu pai foi alfabetizado com a cartilha Caminho Suave e já na primeira série lia e escrevia.

Já a minha mãe não se lembra de seus professores, mas o que recorda dessa época é da discriminação, da diferença que se fazia de um aluno para com o outro. Os que dançavam quadrilha participavam de teatro eram os mais bonitos, inteligentes, os que tinham uma condição financeira melhor.

Como meus pais não completaram o ensino médio, por terem se casado muito cedo, decidiram então concluí-lo quando já tinha cinco anos

Em 1987 minha mãe começa a trabalhar como monitora de creche. Ela percebia o quanto eu gostava muito do ambiente escolar, então desde cedo começa a guardar materiais, pensando que seria professora. E foi o que acabou acontecendo.

Recordo-me de todas as minhas professoras das séries iniciais, ouço com certa estranheza quando colegas dizem não se lembrar de nenhuma de suas professoras.

Faço a pré-escola em 1988 com uma professora que foi muito acolhedora, nessa época sentia-me muito insegura, chorava às vezes sem motivo, pois meus pais trabalhavam e estudavam então o tempo que nos víamos era muito pouco.

Em 1989 fui matriculada na 1^o série, foram muito prazerosos os meus primeiros quatro anos escolares. Fazia ótimos trabalhos com a ajuda da minha mãe, que tinha muitos materiais. Lembro-me que a professora tinha pedido aos alunos que fizessem um trabalho numa folha de almaço sobre Piracicaba. Chego à escola e vejo que sou a única que tinha feito à tarefa diferente dos meus amigos (que levavam o trabalho na folha), fico um pouco sem graça, mas por outro lado fiquei muito contente com a atitude da minha professora que gostou muito do meu trabalhinho e pede para que eu exponha o meu cartaz. No final entrego também um mapa da cidade que eu havia conseguido com a minha mãe.

Apesar de todas as dificuldades mesmo pela falta de tempo dos meus pais, eles procuravam sempre acompanhar minha rotina escolar. Segundo Cury (2003), os filhos não precisam de pais gigantes, mas de seres humanos que falem a sua linguagem e sejam capazes de penetrar-lhes o coração.

Nas brincadeiras com as minhas amigas eu na maioria das vezes era professora, acredito que esse desejo surgiu em mim por ter me inserido muito bem na escola.

Diferente dos meus colegas não gostava das férias, quando não tinha aula procurava figuras interessantes para eu iniciar uma história, fazia isso sem o pedido da professora, amava usar a minha imaginação para escrever, pensava até em ser escritora, acredito que todo esse estímulo veio de meus pais, professores e principalmente também pela minha força de vontade.

Não me recordo em ler livros de histórias na sala de aula nem muito menos numa biblioteca. Não me recordo de ficar lendo histórias pela casa, mas o que lembro é que amava ler gibis, almanaque, mexer nos livros do infantil da minha mãe e criar, escrever histórias.

Penso que para a leitura se tornar uma prática social na vida dos alunos, é necessário que ela seja uma prática dentro da escola nessa direção, porque para muitos alunos a escola é o único ambiente em que eles terão mais contato com materiais e ambiente de leitura.

Alguns escritores ao falarem como começaram a ler e a escrever, referem-se a bibliotecas de seus pais e avós. João Ubaldo Ribeiro em seu livro: *Um Brasileiro em Berlim* (1995), relata:

“Não sei bem dizer como aprendi a ler. A circulação entre os livros era livre (tinha que ser, pensando bem, porque eles estavam pela casa toda, inclusive na cozinha e no banheiro), de maneira que eu convivia com eles todas as horas do dia, a ponto de passar tempos enormes com um deles aberto no colo, fingindo que estava lendo, porque havia figuras, eu inventava as histórias que elas ilustravam e, ao olhar para as letras, tinha a sensação de que entendia nelas o que inventara”. (1995, p. 137)

Com a situação sócio-econômica do nosso país, ter uma biblioteca em casa é algo infelizmente irreal para a maioria dos nossos alunos. A escola, então, é a grande biblioteca para muitos deles.

Considero importante que na sala de aula a leitura e a escrita não sejam atividades que ocupe apenas o tempo que sobrou no finalzinho da aula. Esse envolvimento do aluno com o livro deve ser estimulado pelo professor por meio de atividades de leitura que permitam a manifestação de opiniões dos leitores e que estimulem o aluno a fazer do livro uma parte do seu dia-a-dia.

Lembro-me que a professora pedia para que levássemos e apresentássemos curiosidades para a classe. Essa atividade para mim era muito difícil, porque não gostava de ficar na frente me expondo, mas o que me agradava era o conhecimento adquirido.

Penso que aprender a ler não é uma atividade natural, para a qual a criança se capacita sozinha. Entre livros e leitores há importantes mediadores. O mediador mais importante é o professor, figura fundamental na história de cada um dos alunos.

Nós professores temos que ser uma referência forte para nossos alunos. Não há receitas a seguir, cada professor precisa efetivar uma leitura estimulante, reflexiva, diversificada, crítica, ensinando os alunos a usarem a leitura para viverem melhor.

Quando fui alfabetizada o método que se usava era o tradicional onde enfatizava a transmissão de conceitos e a memorização. O acesso ao conteúdo era limitado, o professor tinha que organizar bem suas idéias e apresentá-las de forma lógica e simplificada por repetição, sua postura era a do detentor do conhecimento, a tarefa que nos passavam era padronizada e geralmente imitada, a avaliação era feita através de provas objetivas, e que, somente ele era capaz de distinguir quem realmente tinha aprendido, o aluno era receptor passivo, e pouco se interessava pelas aulas, pois, estavam lá para que um dia pudéssemos ser alguém na vida, sempre nos foi passado, que só quem tem estudo pode vencer na vida.

Em suma, preocupava-se mais com variedade e quantidade de conceitos do que com a construção do pensamento reflexivo. A afetividade não era tão presente.

Penso hoje com o curso de Pedagogia, que a criança ao fazer cópias na escola não vê sentido para isso quando observa o adulto usando a escrita com outra finalidade como registrar idéias, documentar fatos, anotar lembretes, comunicar-se com alguém.

Na falta de sentido imediato para o desejo de ler e escrever, a cópia se torna para a criança, perda de tempo, tarefa árdua que ocupa o tempo que poderia ser dedicado às tentativas de ler e escrever.

Minha professora alfabetizou-me com uma cartilha, que não me lembro o nome, mas que era muito parecida com a “Caminho Suave”, ela sempre tirava leitura e fazia ditados, como era de início daquela época. Saí da 1º série lendo e escrevendo pequenas histórias.

2. A Formação Ginásial.

Faço o ginásio (hoje, Ensino Fundamental - 5º ao 8º ano), numa escola particular que não era paga, não tinha mensalidade. Gostei muito da amizade que construí lá, quando passei para o 7º ano fui para uma outra escola, próxima ao meu bairro, que pertencia à mesma instituição.

Essa escola tinha uma estrutura muito boa, seu espaço era enorme, tínhamos quadras, ginásio, piscina, campo de futebol, um espaço para corrida, biblioteca, materiais diversos, laboratório para as aulas de Ciências, inclusive foi numa dessas aulas que descobri meu tipo sanguíneo.

Foi nessa escola que comecei há entender um pouco melhor a questão da diferença. Diferença essa que minha mãe relata que existia no seu tempo de escola. O belo, o mais inteligente, o que tinha mais dinheiro eram os que mais pareciam, como se fossem os únicos da escola.

Relatarei fatos, que não necessariamente tenham acontecido comigo, mas por ser observadora e respeitar a pessoa não importando a sua diferença racial, étnica, religiosa, em que time o outro torce ou qual partido ele é aliado, dialogava comigo mesma se aquilo que o professor fazia estava coerente ou não, pois não éramos meramente alunos, mas sim pessoas que precisavam ser simplesmente compreendidas.

Certa vez uma professora cobrava 10 centavos de um aluno para a prova de geografia, fazia mais de três semanas que estava recebendo. Quando o aluno diz a professora que não tinha, parece que ela ficou maravilhada e responde-o com palavras que na época fiquei muito envergonhada por ele e surpresa com a atitude da professora.

Algumas professoras tinham uma maior empatia com aqueles alunos que tiravam 9,10 nas avaliações, com aqueles que sentavam na frente, que falavam bem, enquanto os outros só observavam.

Éramos obrigados a ir para a escola com o uniforme, se o aluno não fosse era melhor ficar na sua casa, pois além de chamarem a sua atenção, tinha que voltar para sua casa.

Na aula de educação física, usávamos bermuda em que sua cor era determinada, tênis e claro a camiseta da escola, caso não viesse assim, ficava sem participar da aula.

O que me lembro dessa época, é que aquela professora que tinha um laço de afetividade maior com a turma eu conseguia me relacionar melhor com a sua matéria. As matérias que eu mais gostei eram ensinadas pelos professores que mais admirei.

“O que diz, como se diz em que momento e por que, da mesma forma em que se faz, como se faz em que momento as relações professor aluno e, conseqüentemente, influenciam diretamente o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, as próprias relações entre sujeito e objeto. Nesse processo de inter-relação, o comportamento do professor, em sala de aula, através de suas intenções, crenças, seus valores, sentimentos, desejos, afeta cada aluno individualmente” (LEITE e TASSONI, 2002, p.125).

3. A Formação em Habilitação no Magistério.

Quando concluí o ginásio estava completamente confusa não sabia o que fazer, cursar o colegial ou um curso técnico. Decido então participar de um vestibulinho para tentar fazer o técnico em enfermagem, mas percebi que não me identificava com o curso.

Em 1997 entro num sorteio para tentar vaga numa escola boa e conhecida na cidade, a escola “Sud Mennucci “a concorrência era grande, até que o meu nome foi sorteado.

O primeiro ano (magistério) cursei a tarde e os outros três anos de manhã. Gostei do curso, tive algumas experiências que foram significativas para mim tanto negativamente quanto positivamente.

A aula de língua portuguesa com a minha professora Filó, que é uma pessoa muito agradável, atenciosa e tratava a todos com igualdade eram maravilhosas.

Acredito que por ter passado por mestres como essa professora é que me identifico muito com a matéria. Certa vez quando estávamos trabalhando literatura, ela dividiu a classe em grupo e cada um tinha que ler um determinado livro: Lucíola, A Senhora,... depois apresentar o que leu através de teatro, fantoche, vídeo, as produções saíram uma mais bela do que a outra, porque a professora sabia tornar a aula muito estimulante e prazerosa.

Mas o curso me deixou muitas dúvidas, indagações, perguntas que não foram respondidas. Foi cogitado na época que seríamos a última turma do curso de magistério, e não se percebia um compromisso, a preocupação de alguns professores quanto à responsabilidade em que tinham de formar futuros professores.

Tinha também um excelente professor de inglês, ele havia morado na Inglaterra e EUA, então a sua fluência no inglês era perfeita. Mas as duas aulas que tínhamos por semana na terça-feira pareciam uma tortura, pareciam nunca acabar, eram intermináveis. Quando alguma aluna fazia algo, o mínimo que fosse em que o professor não concordava, ele sabia ser muito grosseiro. Não sabia que alunos poderiam sentir medo de PROFESSOR, mas foi através dele que pude ver que isso infelizmente existe, pois com essa postura deixava as alunas com medo, medo de tentar, de perguntar, de questionar, em dizer

suas opiniões, em dar sugestões com isso às alunas não tinham estímulo para estudar.

Certa vez esse professor pediu-nos que decorasse mais de 50 verbos no presente, passado e futuro, o que foi bastante difícil para mim e para as outras alunas, outra vez ele passou-nos uma receita inglesa e pediu para que fizéssemos, valendo ponto. Chego à próxima aula de inglês receosa, pois não tive como preparar a receita, por isso levei um ponto negativo.

Por outro lado teve momentos da aula de inglês que foram muito significativas para mim e foram os momentos em que o professor, interava-se com as alunas. No dia do Halloween, fazíamos uma grande festa, com abóbora, velas e bexigas coloridas, era tudo combinado, as alunas vinham de preto. Numa outra aula o professor fez um bazar em que todas as que vendiam e compravam produtos tinham que falar em inglês, o professor participava fotografando, filmando, conversando conosco, foram muito agradáveis essas momentos.

“Assim sendo, parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam (...). São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo.” (Pino-mimeo-
apud Leite e Tassoni, 2002, p.116).

Minha professora de Conteúdos Metodológicos de Matemática passava textos enormes na lousa e não explicava, por isso ficava sem entender nada. Já a professora Maria Olávia que era da mesma matéria explicava muito bem o conteúdo e levava materiais diversos.

Uma outra professora dava aula de biografia, era uma aula em que ela contava da sua vida: a escola que recebeu o nome do seu marido, das reformas de sua casa, dos parentes políticos que tinha, falava de situações que tinha acontecido com seus filhos, mas o que muito me agradava nela é que ela era uma professora que tinha muito carinho pela alunas por isso todas gostavam dela.

Nas aulas de química fomos muito prejudicadas, pois tivemos umas quatro aulas no ano, nas outras ficamos de janela (sem aula) não sabia nem mais como era a “cara” do professor.

As aulas de física era com um professor que explicava olhando para a lousa. Como minhas colegas não entendiam nada, nas avaliações elas colavam do caderno, pois a mesma atividade que estava na avaliação ele havia dado no caderno.

O magistério foi bastante significativo apesar de ficarem muitas questões que não foram respondidas na época, como já relatei, mas por outro lado tive professores que me servem hoje como espelho, enquanto outros pensar se faria semelhante e por que.

O meu maior aprendizado foi na experiência em que tive com as próprias crianças, e com certeza com o PROESF-RM (Programa Especial para Formação de Professores da Região Metropolitana de Campinas).

4. Formação Superior.

Já que conclui o magistério em 2000, prestei meu primeiro concurso em 2002. Achei a prova bem difícil, já as minhas amigas que se formaram comigo acharam o contrário.

Quando leio o diário oficial vejo que havia passado com uma boa colocação. Já as minhas colegas para a minha surpresa, infelizmente elas não passaram no concurso.

Sou chamada no início de 2003 para exercer a profissão e passo para o meu 3º ano no curso superior em Serviço Social. Tinha iniciado esse curso em 2001, logo que conclui o magistério.

O bairro em que estagiei nessa área era bastante carente. O atendimento a esses usuários, é assim que são chamadas as pessoas que solicitam atendimento para a assistente social, era muito desgastante, pois durante o dia, ouvíamos diversos problemas e o que me deixava mais insatisfeita era verba que era destinada a ajudar essas pessoas.

Num mês a assistente social tinha que colaborar com umas 100 pessoas ou incluí-las em algum projeto, mas ela não conseguia nem colaborar com 10% dessas pessoas. A verba era mínima, passavam pelo nosso atendimento (eu e a assistente social) 20 pessoas por dia, às vezes não dávamos conta, não tínhamos nem uma hora de almoço direito, e podíamos colaborar com 3,4,5,6 pessoas no mês.

Víamos pessoas bastante espertas que não precisavam de auxílio, mas por outro lado havia outras pessoas que tinham vontade de mudar a sua situação, mas só lhe faltavam oportunidades.

“A educação não-formal se caracteriza por possibilitar a transformação social, dando condições aos sujeitos que participam desse processo de interferirem na história por meio de reflexão e de transformação”. (Afonso, 2001, p.11)

Atendíamos os usuários com projetos do tipo Bolsa-Escola, Vale-Gás. Contávamos também com a colaboração de pessoas, empresas, Ongs.

O Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) que era para crianças que trabalhavam na rua, fazendo malabarismos, vendendo doces, balas, olhando carros, para ajudar na renda da família, por isso abandonavam

a escola. Com esse programa a criança recebia um auxílio do governo, deixava de trabalhar na rua, freqüentava a escola e fazia alguma atividade no horário oposto.

“A princípio é importante que essa proposta de educação não formal funcione como espaço e prática de vivência social que reforce o contato com o coletivo e estabeleça laços de afetividade com esses sujeitos”. (Afonso, 2001, p.10).

Proporcionávamos cursos profissionalizantes com o objetivo de ajudar na renda familiar. O laço de amizade que tínhamos com os usuários era muito grande, existia um grande respeito entre ambas as partes.

Antes do atendimento fazíamos uma ficha chamada ficha sócio-econômica, a partir dela é que atendíamos ao usuário. As famílias que tinham um número maior de filhos pequenos, idosos, uma renda mínima, eram os que passavam na frente. Uma ficha que era para incluir as pessoas, um serviço que tem como lema a inclusão, acabava excluindo os usuários.

O que foi muito interessante nesse curso foi o conhecimento adquirido, com ele pude compreender melhor algumas questões sociais. O que eu aprendi no estágio de serviço social, ficou na minha história, marcou a minha vida e o que aprendi de alguma maneira interfere no meu presente.

No meu trabalho de conclusão de curso falei sobre a criança. Iniciei meu estágio em 2002 e em 2003 acontece algo que fiquei surpresa, comecei a trabalhar numa escola que ficava no bairro em que estagiava, ou seja, com os filhos daqueles usuários que atendia.

É essencial o professor considerar a história do aluno, bem como a sua realidade para poder trabalhar com ele a partir daquilo que sabe e que conhece.

5. A Minha Formação Profissional.

Quando iniciei na área da educação foi muito difícil, pois não tinha nenhuma experiência anterior. Procurei trabalhar com as crianças da mesma maneira que as minhas professoras trabalharam comigo no método tradicional e não era bloqueada por isso, e por essa razão é que penso que o curso de magistério não me trouxe a base que eu precisava.

No meu processo de alfabetização, a escola que freqüentei, valorizava a memorização e não o raciocínio cobrou-me a reprodução do que a produção de idéias. O método usado na minha alfabetização foi o modelo tradicional: em que o professor é o detentor e transmissor dos conhecimentos. Os exercícios eram de fixação, memorização e repetição, as atividades visavam o treino em várias folhas. O ensino era fragmentado, pois se acreditava no domínio dos códigos da escrita, na silabação.

Como não tinha trabalhado antes com crianças, minha coordenadora junto à diretora achou mais viável que eu trabalhasse com uma sala “forte” e não “fraca”.

A escola era organizada dessa forma porque a equipe acreditava que se dividisse dessa maneira facilitaria o trabalho do professor. Quem estava com a sala “fraca” podia ficar com até 25 crianças já as outras salas teriam um número superior a essa quantia.

No meu primeiro ano na escola, lecionei numa sala de 3º série, no 2º ano lecionei para uma turma de 4º série. A experiência foi muito boa, a minha coordenadora me dava todo o suporte necessário com os pais, quanto à organização da sala, do diário, semanário e me incentivava a fazer cursos.

No meu terceiro ano, quando achei que tivesse passado por todos os desafios, agora eles se tornariam ainda maiores. Nesse ano foi me atribuída uma sala de 4º série com 16 alunos. Eram alunos repetentes, tinha um cadeirante, muita dessas crianças com baixa auto-estima, alunos que não sabiam nem escrever o próprio nome.

Com essa turma aconteceu-me um fato muito curioso com uma aluna, nós estávamos conversando e de repente ela me diz que queria ficar grávida quando chegasse aos seus 15 anos, quando ouvi isso fiquei espantada.

Trabalhar com essa classe foi um desafio muito grande, pois nunca tinha estado mesmo em estágio numa sala assim antes. Certa vez eu precisei chamar o pai da aluna citada acima para conversar, discutindo com ele a falta de interesse dela, ele somente me responde que ela era a melhor entre os filhos que tinha. Ao final daquela conversa percebi que não teria nenhuma ajuda.

Esses alunos eram muitos desmotivados e não se via a participação dos pais de maneira alguma. A motivação é um problema da educação, alunos desmotivados estudam muito pouco ou nada, com isso conseqüentemente aprendem muito pouco. Isso trás uma educação com alunos menos competentes para exercer a cidadania de se realizarem como pessoas.

Essa sala por determinação da secretaria foi fechada, pois o número de alunos que nela tinha era insuficiente, então o trabalho que estava sendo realizado com essa turma foi interrompido. Nessa época o novo prefeito, toma posse, ocorrendo mudanças.

Eu que estava com a 4^o série, passo a trabalhar com a 2^o série numa sala que tinha mais de 30 alunos. Os desafios eram parecidos a da sala anterior, só que agora com um número bem superior.

A auto-estima dessas crianças também era muito baixa, o que dificultava também no meu trabalho. A auto-estima começa a se desenvolver no indivíduo quando ele ainda é bebê. O carinho mostra a criança que ela é amada e cuidada. No início da vida ela vai descobrindo como é o mundo a sua volta, vai construindo seu valor a partir do valor que os outros lhe dão.

Algumas das crianças dessa escola trabalhavam na rua para ajudar no sustento da família, olhavam carros, vendiam produtos recicláveis, flores, balas e faziam malabarismos. Num certo dia eu e outras professoras estávamos indo a um curso de matemática que estava sendo realizada numa determinada faculdade, quando de repente ao pararmos num sinaleiro vimos nossas crianças trabalhando na rua, fazendo malabarismos em troca de dinheiro.

“Na realidade brasileira, um outro fator tem bastante peso, quando se considera o furto do lúdico da infância. É o trabalho, ou melhor, a necessidade de trabalhar, de grande parcela da nossa população infantil, dos filhos da classe trabalhadora oprimida.” (Marcelino, 1990 p.62).

Quando pensamos em crianças, lembramos de alegria, brincadeira, algazarra, liberdade, são seres inocentes por isso devemos protegê-la da corrupção do meio, mantendo sua inocência, e fortalecendo o seu caráter e sua razão.

“A Declaração dos Direitos da criança aprovada pelas Nações Unidas, 20 de dezembro de 1959, foi proclamada para que esta possa ter uma infância feliz...” no seu princípio 7º, a referida declaração coloca que a criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras, os quais deverão estar dirigidos para a educação, a sociedade e as brincadeiras, a sociedade e as autoridades públicas se esforçaram para promover o exercício desse direito”. (Marcelino, 1990, p.64)

Só que temos que pensar nas nossas crianças introduzida num sistema denominado Capitalista, em que considera o homem uma máquina e o indivíduo vale pelo que tem e não pelo que é.

Vivemos numa sociedade em constante movimento de transformação, em favor do capitalismo. Essas mudanças refletem e estão evidentes na vida cotidiana, principalmente da população excluída socialmente. A sociedade tem as suas exigências em que o indivíduo deve tentar adaptar-se para nela se inserir. As famílias sofrem estas influências e respondem a elas com a luta cotidiana pela sobrevivência, transformando este cotidiano em um espaço de desenvolvimento de estratégias múltiplas que podem fortalecer ou fragilizar os laços de afetividade. Analisando este assunto Aranha diz que:

“... nas sociedades em que existe desigual repartição de bens, o que gera privilégios, a escola não atinge os objetivos de universalização do saber. Basta estudarmos um pouco de história da educação para constataremos a exclusão, o não acesso ao saber pela maioria”. (Aranha, 1993, p.224)

Numa sociedade como a nossa, em que há uma distribuição de renda muito desigual, que reforça as condições de riqueza do rico e enfraquece a condição econômica dos menos favorecidos, em que as famílias marginalizadas são excluídas do trabalho e conseqüentemente dos seus bens, como o consumo desses produtos. Para satisfazerem suas necessidades básicas, como moradia e o consumo de produtos, as famílias se estruturam da forma que conseguem, se organizam de modo que todos os membros do grupo possam trazer sustento para a casa.

O Brasil é cheio de contradições, tem uma tecnologia de ponta e uma grande população miserável. Pensar a criança brasileira no momento atual é pensá-la situada em um contexto marcado pelas contradições sociais e econômicas.

“Pobre é o faminto. É quem habita mal ou não tem onde habitar. É quem não tem emprego ou recebe remuneração abaixo dos limites da sobrevivência.

Não estamos habituados a considerar como pobre a pessoa privada de cidadania, ou seja, que vive em estado de manipulação, ou destituída da consciência de sua opressão, ou coibida de se organizar em defesa de seus direitos...”(Demo,2001)

O direito da criança é de estudar, brincar, aproveitar o seu tempo de criança, mas a miséria, a exclusão social, faz com que elas saiam de suas casas e fiquem na rua em busca de trabalho logo cedo, interrompendo as suas possibilidades de desenvolvimento emocional e social.

Essas crianças muitas vezes são deixadas à própria sorte pelos pais sem nenhuma orientação ou segurança, vivendo numa instabilidade, causando um sentimento de desorientação, principalmente de valores.

Com a correria do dia – dia na família às vezes ocorre à interrupção de laços familiares, bloqueando o lado emocional e afetivo entre os membros se fazendo com que haja a quebra do diálogo e da afetividade extrapolando os limites da convivência familiar, com isso a criança acaba sendo a mais prejudicada, afetando o seu relacionamento com a sociedade.

Os pais dessas crianças não têm muitas vezes, tempo de proporcionar a esses meninos um momento de afeto, amor carinho e orientação, mas é na infância que eles mais precisam de orientação, e é nessa fase que começam a descobrir o mundo.

“Artigo 227, do cap.227, do título VIII da Constituição Brasileira de 1988: É dever da família, da sociedade e do estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, a educação,...”. (Marcelino, 1990, p.65)

Nessa turma que trabalhava, apesar dos problemas familiares, os pais queriam que seus filhos estudassem que não fossem como eles, segundo seu próprio relato em reuniões, mas não se via o acompanhamento à atenção que as crianças necessitavam por parte dos pais.

É importante que os pais estejam informados do comportamento dos filhos na escola, pois ela pode orientar os pais a superar dificuldades com os filhos. Muitas escolas adquirem uma grande experiência com seus alunos, essa experiência pode contribuir no momento em que a família não sabe o que fazer com o filho.

A escola precisa trazer mais os pais para o seu ambiente, para que eles venham sentir-se inseridos nela e também sujeitos importantes na vida escolar do seu filho. Da maneira como nossa sociedade esta organizada em que os pais trabalham demais ou se ocupam com outros afazeres, por isso, não tem tempo para seus filhos, sabemos que isso é uma tarefa difícil, mas não impossível. Os professores devem estimular os pais no acompanhamento de seus filhos, pois eles são uma das chaves para o sucesso escolar da criança.

Educar não é algo fácil dá trabalho. É preciso que as informações sobre educação entrem na rotina familiar. A boa educação deve levar em conta a necessidade de cada filho, respeitando suas individualidade.

“Se todos os pais soubessem dessa possibilidade de ajudar e tivessem a sabedoria de procurar a escola, muitos conflitos, desajustes relacionais, problemas de juventude, migrações e dificuldades escolares seriam, ‘sem dúvida, resolvidos a tempo.”
(Tiba, 2002,p.182)

Além desses desafios citados tinha um outro que atrapalhava e muito, o comportamento desses alunos, caso algum deles fosse contrariado eles respondiam de maneira agressiva. Era estranho ver os seus desenhos buscava entendê-los, sempre que pedia para que fizessem desenhos as figuras na sua grande maioria eram armas, sangue, algo nesse sentido. Mas o que fazer se essa era a realidade deles, o melhor seria conversar sobre isso.

Quando estava escrevendo o meu trabalho de conclusão de curso em 2004 fui a campo fazer pesquisas num projeto que trabalhava com crianças que ficavam nas ruas, tive acesso a fichas de algumas dessas crianças do bairro em que trabalhava e pude constatar que havia crianças de 8,9,10 anos que eram usuários de drogas. Mas como buscar soluções a essa e outras questões com eficiência se os pais e a escola não trabalharem juntas.

Se a união de pais e escola se formar desde os primeiros anos escolares da criança, todos terão a ganhar. A criança que estiver bem vai melhorar e a que está com problema terá a ajuda dos pais e da escola para superá-los. Quando a escola e os pais têm um diálogo semelhante, a criança aprende sem grandes conflitos.

Ocorrendo conflito entre a escola e os pais as crianças tendem a acompanhar quem mais lhe agrada, por isso quando os pais não concordam com a escola, é com ela que deve resolver o problema. Dessa maneira, as crianças não se apoiam nos pais para se insurgir contra a escola.

Para a criança superar a fase de conflito entre si e o outro ela tem que conviver em lugares que tragam relações diversas além a das familiares. A escola é um ambiente propício para a edificação do eu.

O que diferencia o meio familiar da escola é a diversidade das relações. A idade escolar possibilita a criança estabelecer relações diversificadas. Estar num ambiente menos estruturado do que a família, traz a participação em grupos, assumir deveres, seguir regras e, principalmente reconhecer suas capacidades e respeitar a si próprio diante do outro.

É na família que se forma o caráter. Um projeto educacional depende da participação da família seja através de incentivo de uma participação efetiva no aprendizado, ao pesquisar, ao discutir, ao valorizar a preocupação que o filho traz da escola.

Lamentar, entretanto, não é a melhor alternativa. A construção de uma nova sociedade passa pela construção de uma nova família. Se o Estado não consegue organizar melhor suas instituições, se a educação continua na marginalidade dos projetos políticos, a única alternativa é a família. (Chalita, p.20,2001).

Por mais que a escola seja ótima, por mais preparados que estejam seus professores, a escola não consegue suprir a carência deixada pela família. O responsável pela criança deve participar sempre da vida escolar da criança, caso contrário, a escola não conseguirá atingir seus objetivos.

A criança leva para a escola os conhecimentos que ela já tem construído como também sua vida afetiva. A escola tem um papel fundamental na formação do indivíduo. As experiências da escola têm um importante significado para o desenvolvimento social e afetivo da criança. O professor tem o papel de conhecer seus alunos no aspecto cognitivo e emocional, pois assim

fica melhor trabalhar as interações, as trocas de parceiros ou qualquer outra experiência na escola.

De acordo com a linha de pensamento da psicogênese walloniana é com a afetividade que a pessoa entra no mundo simbólico, dando origem à atividade cognitiva.

A carência dessas crianças que eu trabalhava não era somente financeira, mas sua carência maior era de carinho e afeto por parte dos pais. Como essas crianças podiam sentir-se estimuladas diante dessa situação com pais descompromissados com a responsabilidade de educar, que referências elas tinham. Como os alunos se desligariam dos problemas das suas casas com seus pais presos, sem água, energia, como se esqueceriam da fome que estavam sentindo.

O que as crianças faziam muito era me abraçar, beijar, mandar diversas cartinhas, bilhetinhos, algumas até davam-me brinco e anel de suas mães, relação que eu percebia que era diferente com algumas professoras. Algumas delas tinham nojo de beijar, abraçar e até mesmo chegar perto delas.

Vygotsky (apud Oliveira, 1992) defende que o pensamento.

“Tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto, e emoção. Nesta esfera estaria a razão última do pensamento e, assim uma compreensão completa com do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva” (p.76)

Quando se aproxima o final do ano através das minhas observações em sala de aula chego à conclusão de que afetividade é muito importante na sala de aula.

O aluno sente-se mais seguro quando o professor demonstra comportamentos de carinho e atenção. Segundo Dantas (1994), “no longo de toda a infância, a temperatura afetiva desempenhará o papel de catalisador da atividade cognitiva. Sem vínculo afetivo não há aprendizagem.”

Nas manifestações afetivas, nos gestos dos professores os alunos identificam sensações de bem-estar e estabelecem uma relação com as atividades que realizam. É possível inferir, que essas experiências colaboram para a construção de um sentimento afetivo positivo com relação à escrita.

Ao mesmo tempo em que a afetividade esta presente no desenvolvimento do indivíduo, a inteligência, segue seus passos, isto é a evolução total do sujeito depende da reciprocidade entre ambas.

O professor na sala de aula tem uma grande preocupação, não só apenas que o aluno aprenda, mas que ele tenha vontade e o desejo de aprender. Por isso o aspecto afetivo do processo de ensino/aprendizagem tem um destaque no processo de construção do conhecimento com os aspectos cognitivos.

“Apesar de alternarem a dominância, afetividade e cognição não se mantêm como funções exteriores uma à outra. Cada uma, ao reaparecer como atividade predominante num dado estágio, incorpora as conquistas realizadas pela outra, no estágio anterior, construindo-se reciprocamente, num permanente processo de integração e diferenciação” (GALVÃO, 1996, p.45).

Em 2006 vou lecionar numa outra escola próxima a este bairro, mas com uma realidade um pouco diferente. A situação econômica dessas famílias era um pouco melhor, as crianças não trabalhavam na rua, os pais eram pouco mais participativo. Minha sala era de 2º ano (ensino de nove anos) uma sala de alfabetização. Comecei a trabalhar com essas crianças da mesma maneira que trabalhava na outra escola no modelo tradicional. Passei por dificuldades porque minha coordenadora não aceitava que eu trabalhasse com treinos, silabação então foi através das aulas de Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa eu tive um contato com um termo até então desconhecido: o Letramento. Para Leite:

“Pensar na alfabetização numa perspectiva de letramento significa, portanto, desenvolver atividades e experienciar situações que envolvam a leitura e a escrita numa perspectiva crítica e não do ponto de vista adaptativo de simples codificação e decodificação escrito. É preciso promover a reflexão sobre a escrita para que ela seja compreendida nos usos e nas funções sociais presentes no cotidiano” (Leite,2001,p.70)

Letramento é prazer, é lazer, é ler em diferentes lugares e sob diferentes condições, não só na escola, em exercícios de aprendizagem.

Através das discussões com a professora e o incentivo da minha coordenadora comecei a trabalhar com as crianças com textos diversificados, incentivando as produções escritas de textos coletivos e individuais,

estimulando para que falassem o que pensavam, sugeria diversas reflexões respeitando os limites da criança. Já o alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever.

“... um indivíduo alfabetizado não é necessariamente letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.” (Magda Soares, 2004, p.39 e 40)

Antes ficava assustada quando as crianças escreviam, por exemplo, a palavra MACACO dessa maneira MCO, mas hoje penso de diferente. Quando ela escreve assim ou de uma outra forma peço que ela reflita sobre o escreveu e o resultado é muito interessante elas conseguem observar que está faltando letra ou que não é dessa maneira que se escreve.

Em 2007 trabalhei com uma turma de 2º ano, as crianças eram muito espertas e carinhosas. No início eu realizava a educação física na maioria das vezes na sala de aula, por falta de espaço. Quando chegou ao meio do ano recebemos a notícia de que os alunos teriam a aula com um professor da área.

As professoras acharam muito interessante inclusive eu, mas num determinado dia numa das aulas o professor excluiu algumas crianças da atividade porque não estavam com o uniforme. Não concordando com essa atitude perguntei as crianças se todas tinham bermuda, tênis, as que tinham ficaram sem participar dos exercícios, já as que estavam sem o uniforme devido a sua condição financeira, incluí-as de alguma maneira na atividade.

Agora em 2008 estou com uma turma de 4º ano com 35 alunos, nunca cheguei a trabalhar com essa quantia, mas sempre foi próximo. Tenho uma aluna que esses dias disse-me que talvez não viesse mais a escola porque esta perdendo a casa e por isso ficaria na rua, falou-me ainda que sua família iria ao programa do apresentador Gugu para pedir ajuda, estava também sem água na casa e que por isso que havia faltado da escola por mais de 5 dias. Em conversa com a minha coordenadora e diretora ficou acordado que a menina tomaria banho na escola. Pensei num jeito para tentar ajudar o problema da família dessa aluna, numa conversa, ela me diz que sua mãe não trabalhava porque os seus irmãos menores não tinha onde ficar, não tinham

documento para levar a creche. Peço então que ela fale a sua mãe para conversar comigo para eu encaminhá-la a assistente social do bairro, mas passam-se os dias e nada da mãe. Em uma conversa com a diretora sobre a situação da criança ela me diz que a mãe não tinha feito inscrição de seus filhos na creche e que a assistente social havia apresentado uma proposta de emprego para o padrasto dessa criança, mas que ele não havia aceitado porque era pouco. Eu acredito que para quem não tem nada o pouco pode ajudar de alguma forma mas não foi assim que ele pensou. Não posso interferir na decisão de alguém mas somente orientar se isso me for pedido.

E no curso de Pedagogia do PROESF em que pude presenciar momentos de grande interação, debates e estudos que propiciaram a reflexão de minha prática pedagógica.

Aprendi muito, mas tenho consciência de que sempre haverá muito a aprender, pois como muito bem disse Paulo Freire "... inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabado, sei que posso ir mais além dele" (1993,p.59)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever este memorial tive que me reportar as lembranças do meu tempo de criança e da minha adolescência, no qual me trouxeram agradáveis recordações.

No processo de registro desse texto minhas reflexões se voltam para a importância que o professor tem na vida escolar da criança. Ele não pode esquecer nunca que ele trabalha com pessoas, pessoas essas que precisam de amor, carinho e compreensão.

Um bom trabalho com o aluno necessita da atenção do professor. Além disso, o educador tem como tarefa desenvolver nas suas crianças a criticidade para que ele esteja preparado para enfrentar os desafios impostos pela nossa sociedade, expressando-se de maneira que possa transformar o mundo que o rodeia.

Outro personagem que busquei meditar quanto a sua importância na vida escolar do aluno são os pais. Sem essas pessoas notáveis a criança não tem estímulo em freqüentar a escola, esse ambiente acaba passando como um lugar insignificante em que elas têm que estar presente assiduamente. A escola e os pais precisam caminhar junto para se conquistar o êxito no trabalho com a criança.

Na escrita desse memorial pude finalizar em minhas reflexões que a falta do compromisso dos pais ou professores com a criança pode levá-la ao fracasso ou ao sucesso em sua vida escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte, M. G.: A utêntica Editora, 2004.

CURY, A. Pais brilhantes. Professores fascinantes. Rio de Janeiro. R. J.: Editora Sextante, 2003.

ARANHA, M. L. de A. Filosofia da Educação. 2^o edição. São Paulo: Moderna, 1993.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva (org). Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas. São Paulo: Komedi. Artes Escrita, 2001.

MARCELINO, Nelson C. Pedagogia da animação. Campinas, SP: Papyrus, 1990, Cap II, p. 53-89.

CHALITA, G. Educação: A solução está no afeto. São Paulo: Editora Gente, 2001.

RIBEIRO, João Ubaldo. Um brasileiro em Berlim. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1995. p.137

TIBA, Içami. Quem Ama Cuida. São Paulo. Editora Gente, 2002

Alfabetização e letramento, Contribuições para as Práticas Pedagógicas, Sérgio A. Leite (org.), Campinas:Unicamp, 2001

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte, M. G.: A utêntica Editora, 2004.

DEMO, P. Pobreza Política. Campinas, SP. Editora Autêntica,2001